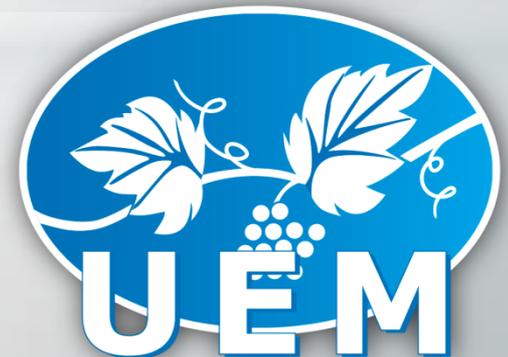
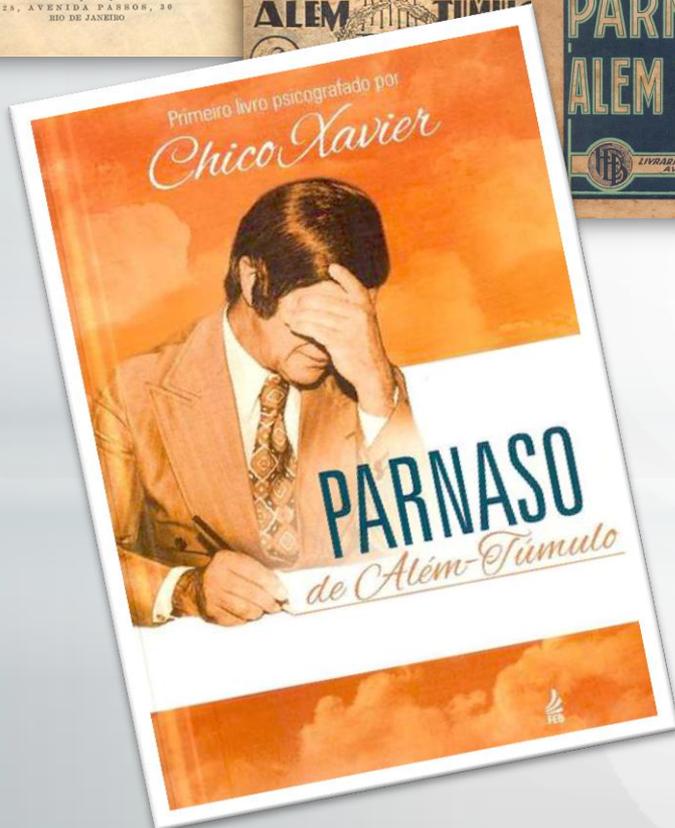
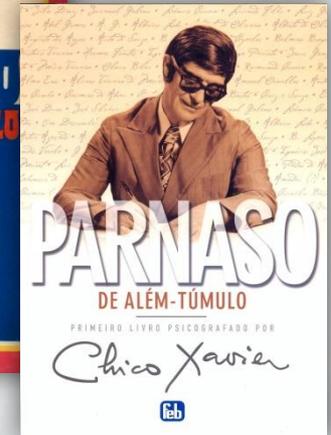
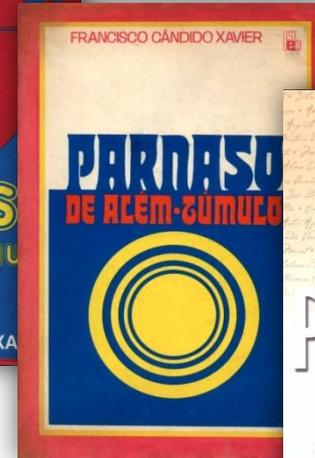
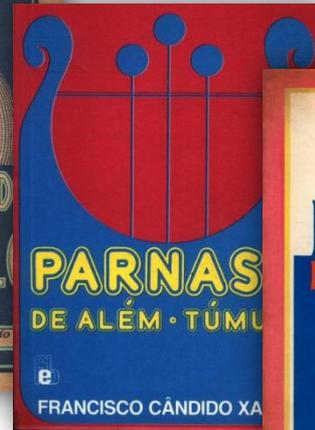
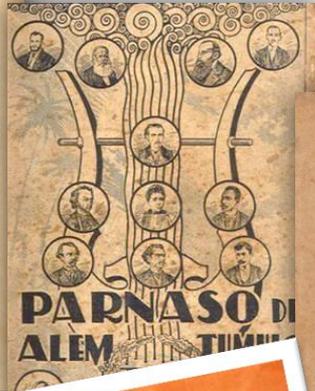
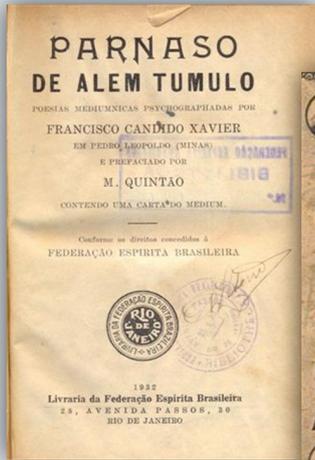


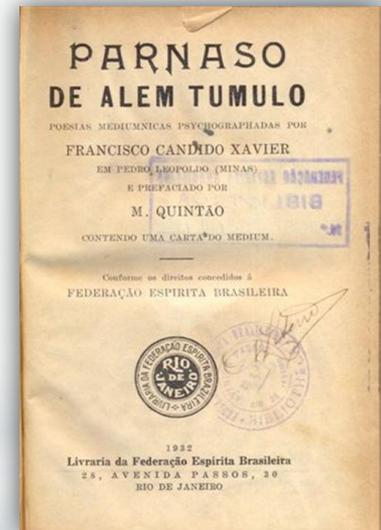
Parnaso de Além Túmulo

85 anos

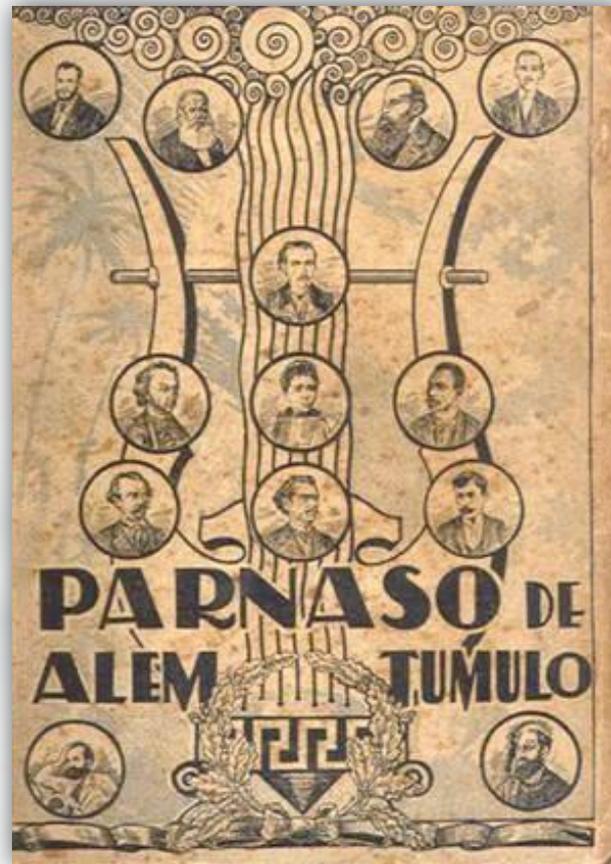


Parnaso de Além-Túmulo foi o primeiro livro psicografado por Francisco Cândido Xavier e lançado em 1932.

PARNASO, que significa antologia, coletânea de poesias, trouxe na sua primeira edição um conjunto de 60 poemas atribuídos a poetas brasileiros e portugueses desencarnados.



Esta primeira edição trazia **sessenta poemas**, assinados por nove poetas brasileiros, quatro portugueses e um anônimo.





Augusto dos Anjos
(1884 – 1914)

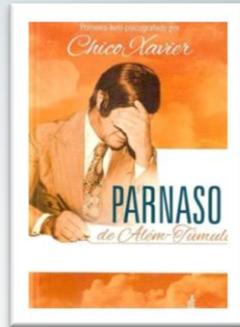
“Ego sum”

Eu sou quem sou. Extremamente injusto
Seria, então, se não vos declarasse,
Se vos mentisse, se mistificasse
No anonimato, sendo eu o Augusto.

Sou eu que, com intelecto de arbusto,
Jamais cri, e por mais que o procurasse,
Quer com Darwin, com Haeckel, com Laplace,
Levantar-me do leito de Procusto.

Sou eu, que a rota etérica transponho
Com a rapidez fantástica do sonho,
Inexprimível nas termologias,

O mesmo triste e estrábico produto,
Atramente a gemer a mágoa e o luto,
Nas mais contrárias idiossincrasias.





AUTA DE SOUZA

*No dia 7 de
fevereiro de 1901
desencarna a poetisa
Auta de Souza.*



FEB



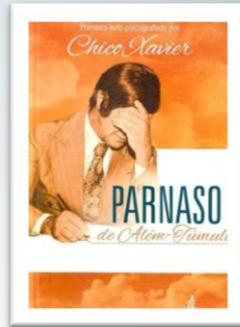
Mensagem Fraternal

Meu irmão: Tuas preces mais singelas
São ouvidas no espaço ilimitado,
Mas sei que às vezes choras, consternado,
Ao silêncio da força que interpelas.

Volve ao teu templo interno abandonado,
- A mais alta de todas as capelas –
E as respostas mais lúcidas e belas
Hão de trazer-te alegre e deslumbrado.

Ouve o teu coração em cada prece.
Deus responde em ti mesmo e te esclarece
Com a força eterna da consolação;

Compreenderás a dor que te domina,
Sob a linguagem pura e peregrina
Da voz de Deus, em luz de redenção



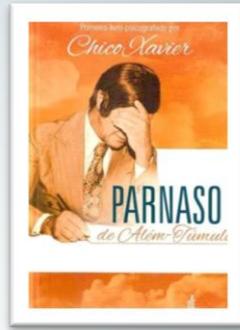


Nascimento de
Francisco Leite
**Bittencourt
Sampaio**

01/02/1834



A Maria

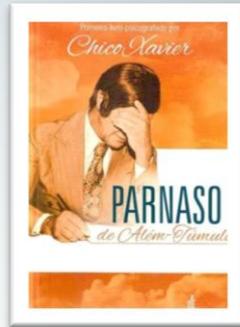


Eis-nos, Senhora, a pobre caravana
Em fervorosas súplicas, reunida,
Implorando a piedade, a paz e a vida,
De vossa caridade soberana.

Fortalecei-nos a alma dolorida
Na redenção da iniquidade humana,
Com o bálsamo da crença que promana
Das luzes da bondade esclarecida.

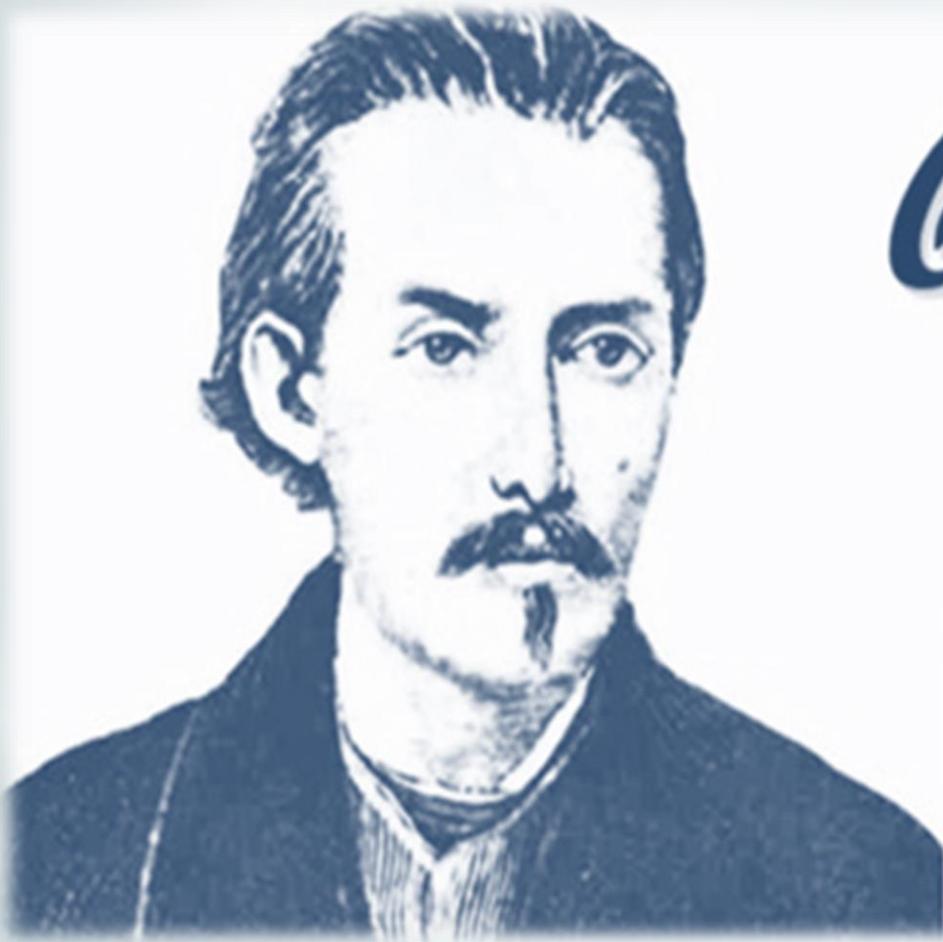
Providência de todos os aflitos,
Ouvi dos Céus, ditosos e infinitos,
Nossas sinceras preces ao Senhor...

Que a nossa caravana da Verdade
Colabore no Bem da Humanidade,
Neste banquete místico do amor.



O jornalista Manuel Quintão, prefaciando o livro, analisou:

"Romantismo, Condoreirismo, Parnasianismo, Simbolismo, aí se ostentam em louçanias de sons e de cores, para afirmar não mais subjetiva, mas objetivamente, a sobrevivência de seus intérpretes. É ler Casimiro e reviver 'Primaveras'; é recitar Castro Alves e sentir 'Espumas Flutuantes'; é declamar Junqueiro e lembrar a 'Morte de D. João'; é frasear Augusto dos Anjos e evocar 'Eu'."



Casimiro
de
Abreu

1837 - 1860

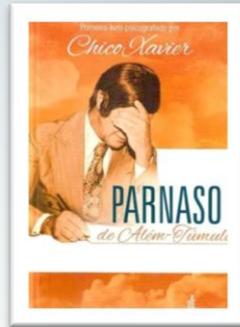
À Minha Terra

Que terno sonho dourado
Das minhas horas fagueiras,
No recanto das palmeiras
Do meu querido Brasil!

A infância, um lago tranquilo
Onde começa a existência,
Onde os cisnes da inocência
Bebem o néctar do amor.

A vida era um dia lindo
Num vergel cheio de flores,
Cheio de aroma e esplendores
Sob um céu primaveril.

A mocidade era um hino
De melodias suaves,
Formadas de trinos de aves
E de perfumes de flor.





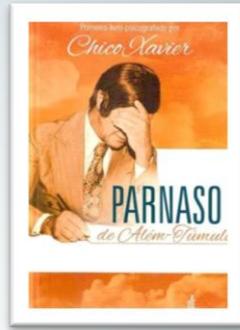
Casimiro Cunha

1880-1914

Espiritismo

Espiritismo é uma luz
Gloriosa, divina e forte,
Que clareia toda a vida
E ilumina além da morte.
É uma fonte generosa
De compreensão compassiva,
Derramando em toda parte
O conforto d'Água Viva.
É o templo da Caridade
Em que a Virtude oficia,
E onde a bênção da Bondade
É flor de eterna alegria.

É árvore verde e farta
Nos caminhos da esperança,
Toda aberta em flor e fruto
De verdade e de bonança.
É a claridade bendita
Do bem que aniquila o mal,
O chamamento sublime
Da Vida Espiritual.
Se buscas o Espiritismo,
Norteia-te em sua luz:
Espiritismo é uma escola,
E o Mestre Amado é Jesus



Castro Alves

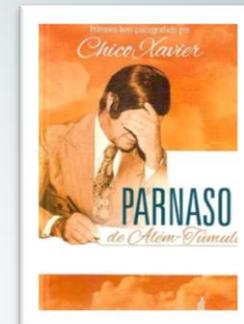
1847 - 1871

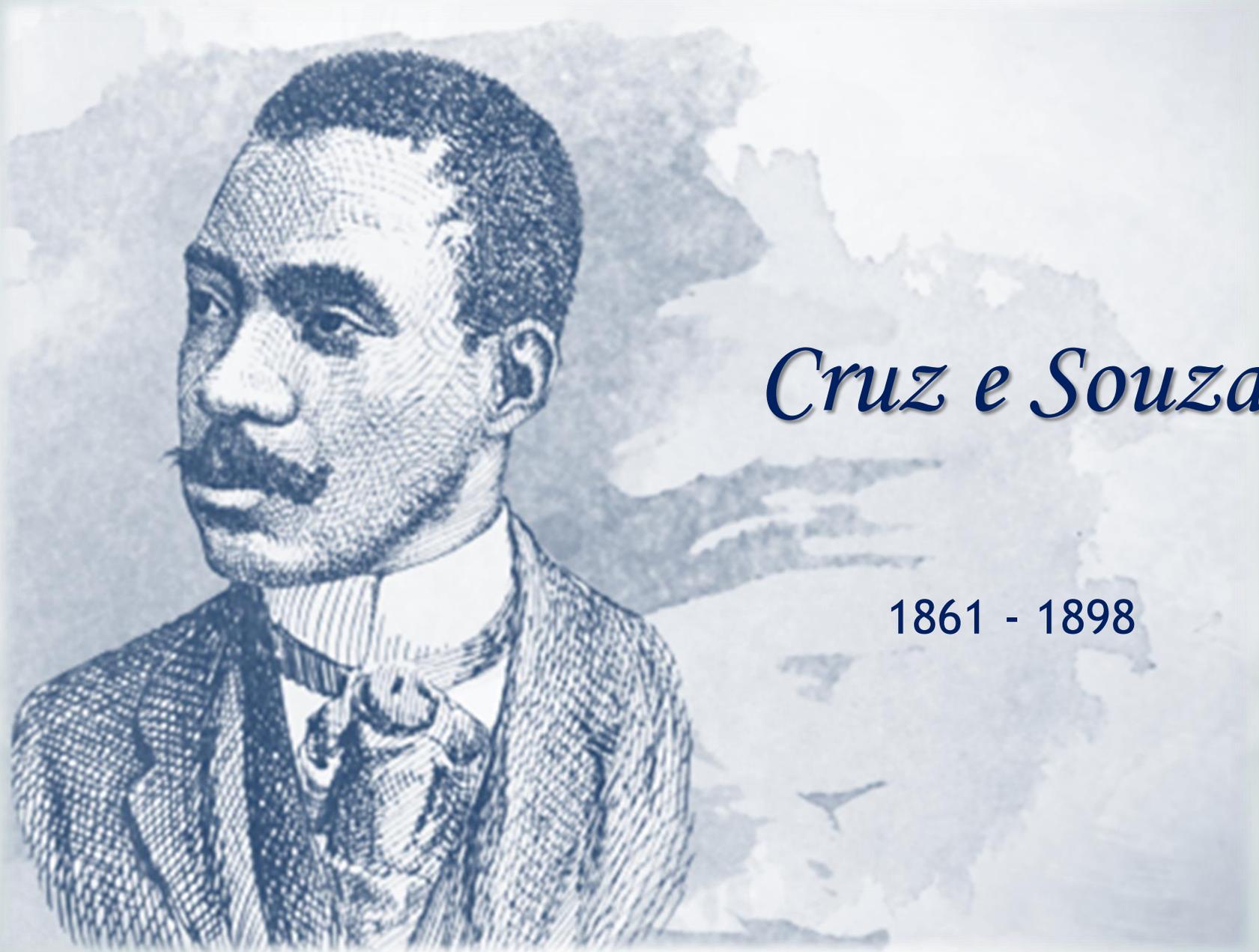


Marchemos!

Há mistérios peregrinos
No mistério dos destinos
Que nos mandam renascer:
Da luz do Criador nascemos,
Múltiplas vidas vivemos,
Para à mesma luz volver.

Buscamos na Humanidade
As verdades da Verdade,
Sedentos de paz e amor;
E em meio dos mortos-vivos
Somos míseros cativos
Da iniquidade e da dor.





Cruz e Souza

1861 - 1898

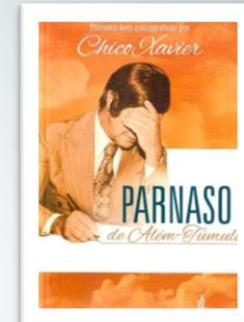
Nossa Mensagem

Essa mensagem de esperança e vida
Que endereçamos da imortalidade,
É a lição luminosa da Verdade
Que a Humanidade espera comovida.

Guardai a voz da Terra Prometida,
Nos exílios do pranto e da saudade;
Conservai essa vaga claridade
Da luz da eternidade indefinida.

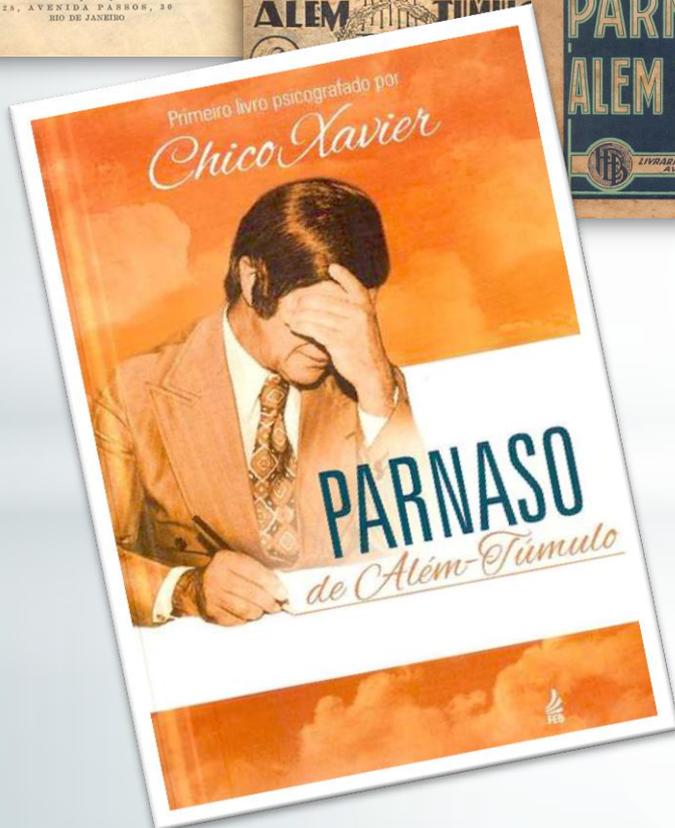
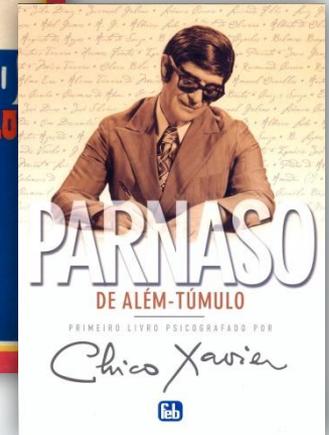
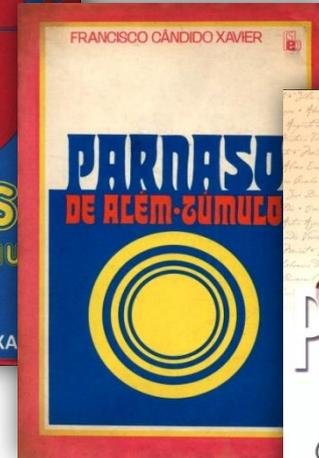
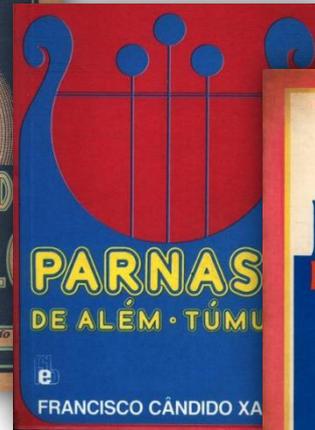
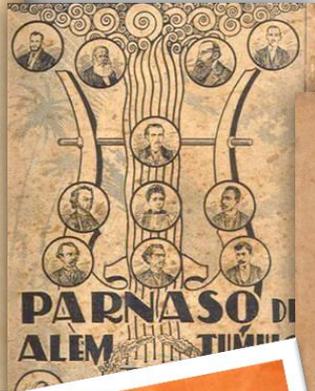
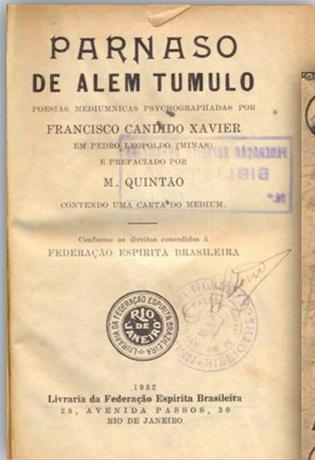
Todo o nosso trabalho objetiva
Dar-vos a fé, a crença persuasiva
Nos caminhos da prova dolorosa.

Sabei vencer entre as vicissitudes,
Como arautos de todas as virtudes,
Sobre as ressurreições da alma gloriosa.



Parnaso de Além Túmulo

85 anos





Pedro de Alcântara

1825 - 1891

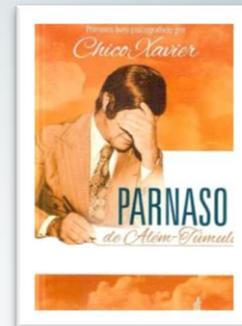
Rogativa

Magnânimo Senhor que os orbes cria,
Povoando o Universo ilimitado,
Que dá pão ao faminto e ao desgraçado,
E ao sofredor os raios da alegria,

Se, de novo, no mundo, desterrado,
Necessitar viver inda algum dia,
Que regresse ditoso ao solo amado
Da generosa pátria que eu queria;

Se é mister retornar a um novo exílio,
Seja o Brasil, lá onde eu desejara
Ter vertido o meu pranto derradeiro...

Que, novamente viva sob o brilho,
Da mesma luz gloriosa que eu amara,
Na alcandorada terra do Cruzeiro.



Sousa Caldas

1762 - 1814

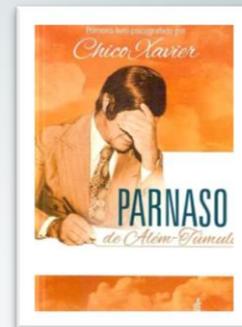


Ato de contrição

A vós
Senhor,
Meu Deus
De Amor,
Minhalma
Implora
A salvação!
Meu Pai,
Bem sei
Que mal
Andei,
Buscando
O erro
E a imperfeição;
Assim
Pequei,
Na treva
Errei,
E jus
Eu fiz
A expiação.

Vós sois,
Porém,
Farol
Do Bem!
Ouvi
Dos Céus
Minha oração.
Sois vós
A luz,
E junto
A cruz
Do meu
Sofrer,
Quero o perdão;
Perdão
Que traz
Sossego
E paz
Ao meu
Viver
Na provação.

Suplico-o
A vós,
Na dor
Atroz,
Amara
E rude
Da contrição!
Dai ao
Meu ser,
Aflito
Ao ver
O seu
Pecado,
A redenção;
E hei de
Poder
Feliz
Vencer
Do mal
Cruel
O atroz dragão!





Antero de Quental

1842 - 1891

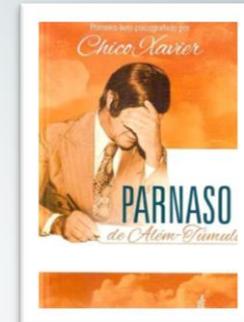
Deus

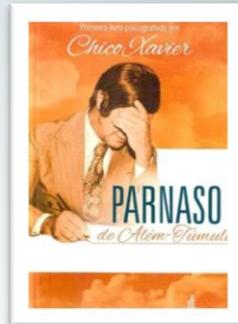
Quem, senão Deus, criou obra tamanha,
O espaço e o tempo, as amplidões e as eras,
Onde se agitam turbilhões de esferas,
Que a luz, a excelsa luz, aquece e banha?

Quem, senão ele fez a esfinge estranha
No segredo inviolável das moneras,
No coração dos homens e das feras,
No coração do mar e da montanha!

Deus!... somente o Eterno, o Impenetrável,
Poderia criar o imensurável
E o Universo infinito criaria!...

Suprema paz, intérmina piedade,
E que habita na eterna claridade
Das torrentes da Luz e da Harmonia!





O escritor **Humberto de Campos**, escreveu para o Jornal Diário Carioca: *"Eu faltaria, entretanto, ao dever que me é imposto pela consciência, se não confessasse que, fazendo versos pelas penas do Sr. Francisco Cândido Xavier, os poetas de que ele é intérprete apresentam as mesmas características de inspiração e de expressão que os identificavam neste planeta. Os temas abordados são os que os preocuparam em vida. O gosto é o mesmo e o verso obedece, ordinariamente, à mesma pauta musical. Frouxo e ingênuo em **Casimiro de Abreu**, largo e sonoro em **Castro Alves**, sarcástico e variado em **Junqueiro**, fúnebre e grave em **Antero**, filosófico e profundo em **Augusto dos Anjos**."*

*Guerra
Junqueiro*

1850 - 1923



Quem és tu? – murmurei.

– “Meu nome é Caridade,

Emissária de Deus a toda a Humanidade:

Paio por sobre um ser resplandecente e puro,

Como paio a sorrir por cima de um monturo;

Desço das vastidões dentro das horas mudas,

Deixo Cristo na cruz para encontrar com Judas.

Amo os bons e protejo as almas vis e hediondas,

Ando por toda a terra, ando por sobre as ondas

Do oceano a rugir sob meus pés de névoa,

Para levar a luz, e com ansiedade levo-a

A quem, nas aflições, chama-me em altos brados

No turbilhão de horror de todos os pecados.

Para mim, não existe a classe, a seita e as gentes;

Abranko em meu amor a alma dos continentes,

Atravesso o oceano e atravesso os países,

Vou onde haja a miséria e pranto de infelizes;

Sou o farol da legião dos pobres sofredores,

Levo sol, pão e luz, balsamizando as dores;

Conduzo com avidez o lúcido estandarte

Do bem, que ampara a dor e vela os sonhos darte.

Amo o labor da ciência e amo a existência honesta

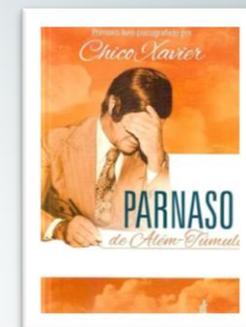
Do ingênuo lavrador, que, em vez do sono à sesta,

Enche com o seu trabalho as lindas manhãs claras,

E quando a tarde chega, engendra a paz das searas.

Amo o trabalhador, como adoro as boninas

Que se entreabrem na estrada, adornando as campinas;



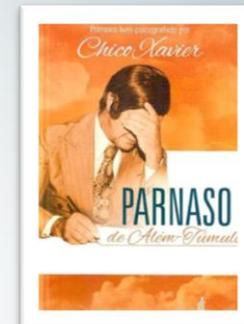


João de Deus

1830 - 1896

Na noite de Natal

- “Minha mãe, por que Jesus,
Cheio de amor e grandeza,
Preferiu nascer no mundo
Nos caminhos da pobreza?
Por que não veio até nós,
Entre flores e alegrias,
Num berço todo enfeitado
De sedas e pedrarias?”
- “Acredito, meu filhinho,
Que o Mestre da Caridade
Mostrou, em tudo e por tudo,
A luminosa humildade!...



- Às vezes, penso também
Nos trabalhos deste mundo,
Que a Manjedoura revela
Ensino bem mais profundo!”
E a pobre mãe, de olhos fixos
Na luz do céu que sorria,
Concluiu com sentimento,
Em terna melancolia:
– “Por certo, Jesus ficou
Nas palhas, sem proteção,
Por não lhe abirmos na Terra
As portas do coração.”

Júlio Dinis

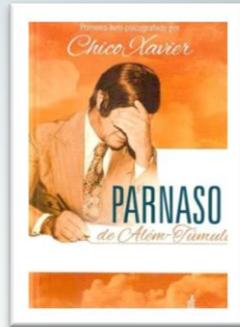
1839 - 1871



O Esposo da Pobreza

Francisco de Assis, um dia,
Assim que deixara a orgia
No castelo,
Entregou-se à Natureza,
A uma vida de aspereza
Num canto doce e singelo.
Abandonara a vaidade,
Buscando a paz da
humildade,
A santa luz da harmonia;

E nas horas de repouso,
Francisco em estranho gozo
A voz de Jesus ouvia:
– “Filho meu, faze-te esposo
Da pobreza desvalida,
Emprega toda a tua vida
Na doce faina do bem.
Francisco, ouve, ninguém
Vai aos Céus sem a bondade,
Que é a grande felicidade
De todos os corações.



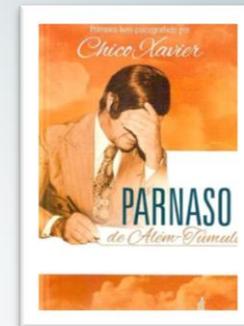
**Um poeta anônimo
denominado**

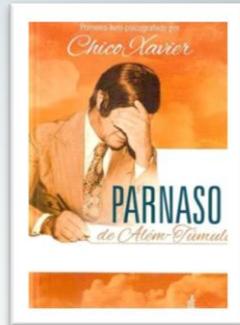
"Um desconhecido"

Meditando

Eu fui daquelas almas que viveram
Sem conhecer da Terra os paraísos,
Que somente a amargura dos sorrisos
Pela noite das dores conheceram.
Não que eu fosse infeliz e desditoso,
Pois fui também humano entre os humanos,
E através dos meus dias, dos meus anos,
Se eu quisesse gozar, teria o gozo.
É que ao sentir no âmago do peito
A atitude do homem nessa vida,
Coração enganado, alma iludida,
Afastado do Puro e do Perfeito,
O meu ser que sonhara a Humanidade

Qual um ramo de flores perfumosas,
Viu as almas tremerem, desditosas,
Sob o peso da própria iniquidade.
E isolado nos grandes sofrimentos
De ser só, na aspereza dos caminhos,
Encontrei o prazer pelos espinhos,
Ao trilhar os carreiros dos tormentos.
Pois no mundo pequeno da minha alma,
Quando em dor me envolvia a desventura,
Eu vislumbrava a luz brilhante e pura
Que me trazia a paz, bonança e calma:
– Era a luz que me vinha da visão
De ver o Cristo-Amor, entre cansaços,
E tinha então prazer de ver meus braços
Enlaçados na cruz da provação.





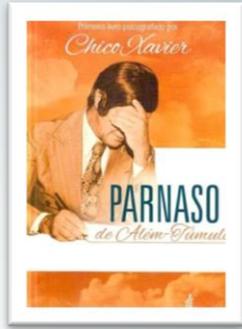
A partir da segunda edição, publicada em **1935**, foram sendo gradualmente incorporados novos poemas à obra até à 6ª edição, publicada em **1955**, quando fixou-se a quantidade de poemas em duzentos e cinquenta e nove, atribuídos a cinquenta e seis autores luso-brasileiros, entre renomados e anônimos.



Augusto de Lima



Antônio Nobre



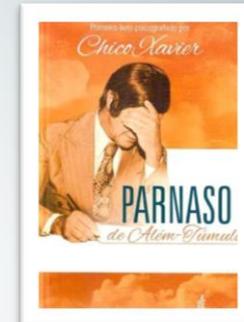
Arthur Azevedo



Amaral Ornellas



*Alphonsus
de Guimaraens*



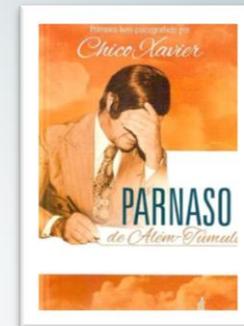
O escritor **Zeferino Brasil** escreveu numa crônica pública no jornal **Correio do Povo**: *"Seja como for, o que é certo é que – ou as poesias em apreço são de fato dos autores citados e foram transmitidas do além ao médium que as psicografou, ou o Sr. Francisco Cândido Xavier é um poeta extraordinário, genial mesmo, capaz de produzir e imitar, assombrosamente, os maiores gênios da poesia universal... Em todas elas (nas poesias) se encontram patentes as belezas, o estilo, os arrojados, as imagens próprias, os defeitos, o 'selo pessoal', enfim, dos nomes gloriosos que as assinam e vivem imortais na história literária do Brasil e Portugal."*



Carmem Cinira



José do Patrocínio



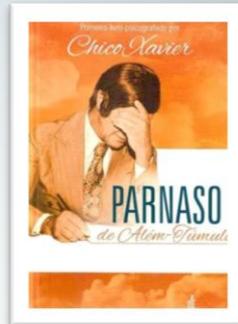
Fagundes Varela



Alvarenga Peixoto



Belmiro Braga



O escritor **Mário Donato** disse em entrevista ao jornal **O Estado de S. Paulo**:

*"Dei-me ao trabalho de examinar grande número de mensagens psicografadas por Chico Xavier e vários outros médiuns; e, francamente, como não posso admitir que um homem, por mais ilustrado que seja, consiga '**pastichar**', tão magnificamente, autores como Humberto de Campos, Antero de Quental, Augusto dos Anjos, Guerra Junqueiro e, se não me engano, Victor Hugo e Napoleão Bonaparte, opto pela explicação sobrenatural, que não satisfaz minha consciência, é verdade, mas apazigua a minha humaníssima vaidade de literato[...]"*



Olavo Bilac



Lucindo Filho



Raúl Leoni



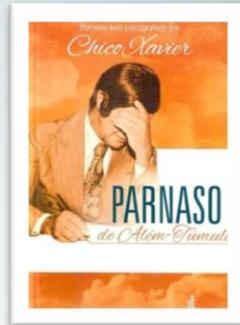
Juvenal Galeno



Raimundo Correia

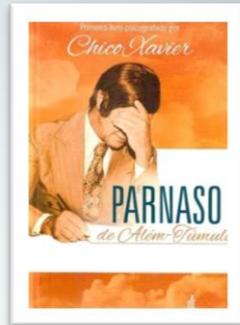


*Luís Guimarães
Júnior*

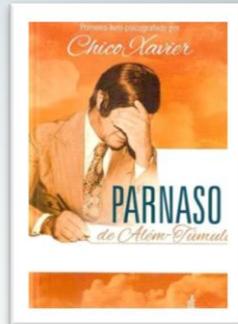


O escritor **Monteiro Lobato** disse:

"Se Chico Xavier produziu tudo aquilo por conta própria, então ele merece ocupar quantas cadeiras quiser na Academia Brasileira de Letras".



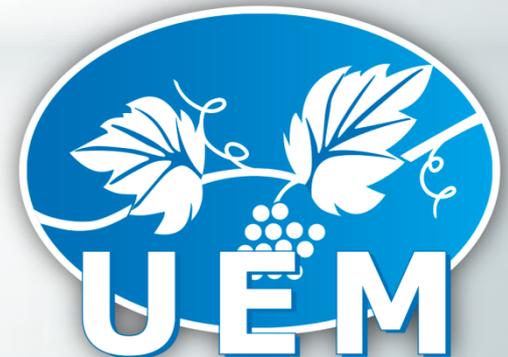
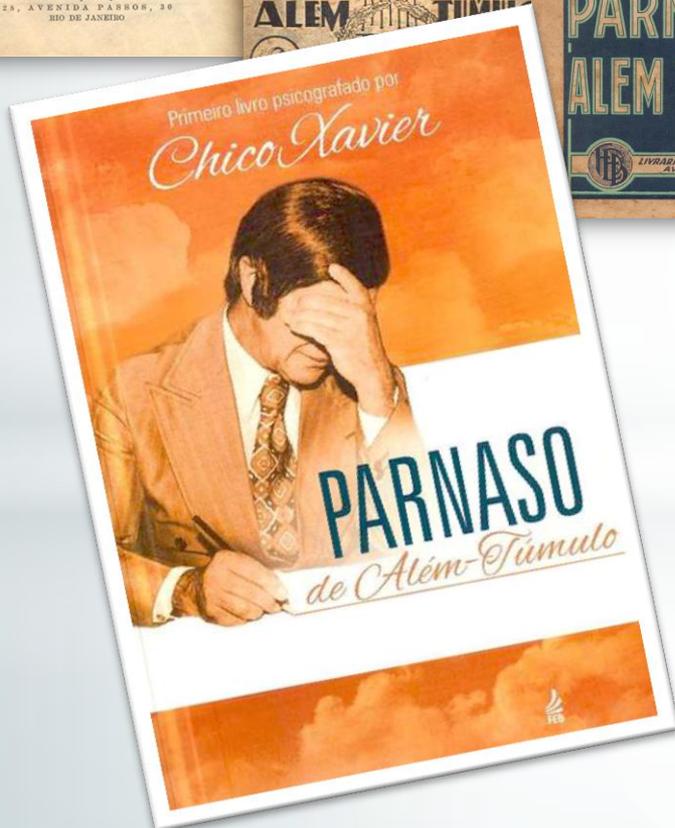
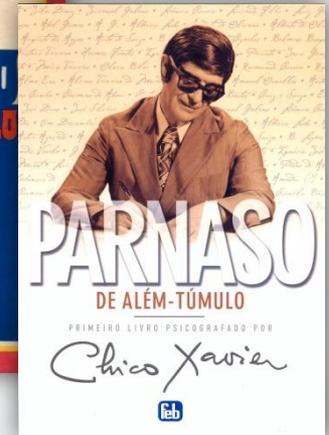
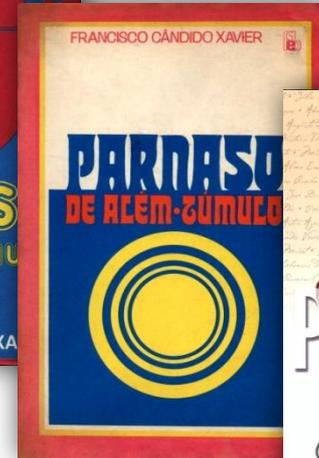
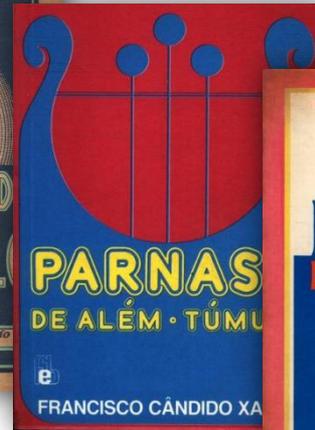
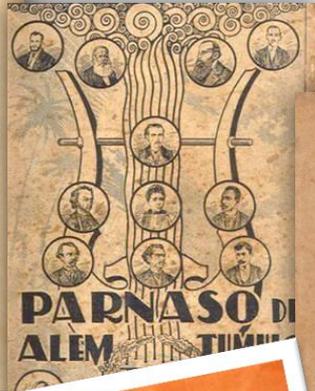
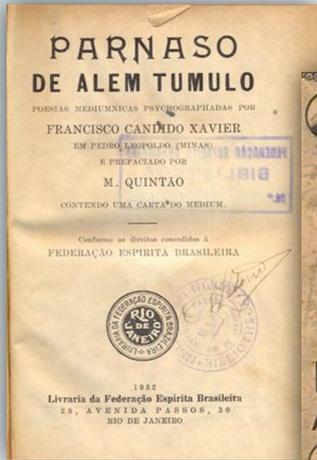
Na opinião do escritor **João Batista Ribeiro de Andrade Fernandes** sobre os poemas de Parnaso de Além-Túmulo, Chico Xavier "*não atraçoara poeta algum*".

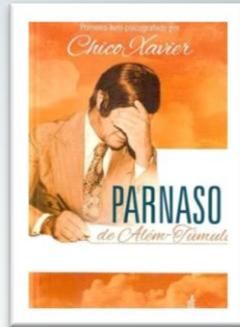


Alexandre Caroli Rocha defendeu sua tese de mestrado, "*A poesia transcendente de Parnaso de Além-Túmulo*", no Instituto de Estudos de Linguagem, na Unicamp (Campinas, SP), tendo sido aprovada. Neste trabalho, utilizando as ferramentas da Análise Literária, Rocha compara os poemas do Parnaso com as obras escritas pelos autores quando ainda encarnados. Segundo ele, "*Quanto aos poemas que analisei, foi possível constatar que existe um extraordinário domínio, por parte de quem os concebeu, das particularidades poéticas dos escritores a quem são imputados*"

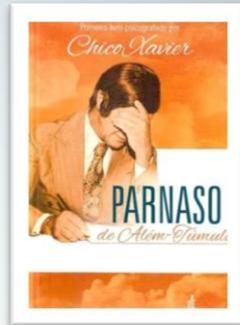
Parnaso de Além Túmulo

85 anos





Em sua análise sobre os sonetos de **Olavo Bilac** em "*Parnaso de Além-Túmulo*", Pereira, sob supervisão do Prof. Ronaldo Teixeira Martins constatou pontos de intertextualidade entre os textos obtidos por mediunidade e a obra de Bilac e, segundo esse autor, os dados obtidos apontam para uma grande proximidade estilística entre os textos, o que sugere identidade autoral, contudo, observa ele que o discurso do autor espiritual afasta-se em alguns pontos do discurso de Bilac quando vivo, o que supõe ser devido à ideologia espírita veiculada pelo *Parnaso*, a qual faz dele um livro de persuasão.



PARNASO DE ALÉM TÚMULO é prova intelectual
concludente da sobrevivência da alma à morte
do corpo físico e da sua comunicabilidade com
os seres humanos.

PARNASO DE ALÉM TÚMULO,
primeiro livro psicografado e publicado
por Chico Xavier

